

Tuyo em formato acústico na Casa Museu Eva Klabin

PÁGINA 4



Invasão Jedi nas bancas com nova safra de gibis

PÁGINA 14



Confira um saboroso roteiro na charmosa Ipanema

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Xande de Pilares, Caetano Veloso e Pretinho da Serrinha unidos em projeto que ressignifica canções do artista baiano



Fernando Young/Divulgação

Na turnê premiada que chega ao Vivo Rio, sambista relê clássicos do baiano em show com direção de Regina Casé e produção musical de Pretinho da Serrinha

Por **Affonso Nunes**

Em vitoriosa turnê nacional, Xande de Pilares chega ao palco do Vivo Rio neste sábado (26) com o espetáculo “Xande Canta Caetano”, a homenagem do sambista a um dos maiores nomes da música popular brasileira. O show reúne sucessos eternizados por Caetano em releituras que ganham nova vida na voz marcante do artista carioca.

No repertório, faixas do premiado álbum homônimo lançado em agosto de 2023 — entre elas, “Gente”, “Alegria, Alegria”, “O Amor”, “Qualquer Coisa”, “Tigresa”, “Luz do Sol”, “Lua de São Jorge” e “Muito Romântico” — se misturam a outras canções emblemáticas como “Queixa”, “Trem das Cores”, “Reconvexo”, “Força Estranha” e “Eclipse Oculto”. Com direção musical de Pretinho da Serrinha e direção artística de Regina Casé, o projeto vem sendo celebrado por Caetano e por Paula Lavigne, que acompanharam de perto sua concepção.

“Cantar Caetano é uma forma de agradecer. A obra dele

atravessa o tempo e fala de tudo que a gente sente. É um desafio e, ao mesmo tempo, um privilégio me colocar nesse lugar, trazendo o meu samba para essas canções tão profundas”, diz Xande em entrevista na ocasião do lançamento do disco.

Desde o lançamento, o álbum obteve 35 milhões de reproduções no streaming, foi premiado com o Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba/Pagode e esteve entre os indicados a Melhor Álbum do Ano. Também conquistou o Prêmio da Música Brasileira 2025, com as categorias de Melhor Intérprete e Melhor Lançamento de Samba.

Voz que atravessa gerações

Simone estreia nova turnê com show neste sábado no Circo Voador

Por Affonso Nunes

Com mais de meio século de trajetória, Simone reafirma sua relevância como uma das intérpretes mais expressivas da música brasileira. Nascida em Salvador e revelada como cantora em 1973, ela construiu uma carreira marcada por escolhas artísticas ousadas, repertórios refinados e uma entrega emocional que transformou suas interpretações em referências definitivas de grandes canções nacionais. Agora, depois do sucesso retumbante da turnê “Tô Voltando” – celebrando 50 anos de carreira com mais de 40 shows lotados pelo país –, a Cigarra inicia

um novo capítulo com a turnê que leva seu nome. E faz isso com o frescor de quem ainda se reinventa, estreando no Circo Voador neste sábado (26).

O novo espetáculo, dirigido por Ana Costa, que também assume o violão e o cavaquinho, propõe um roteiro instigante: reúne clássicos consagrados na voz de Simone que ficaram de fora do show anterior, como “Pão e Poesia”, “Paixão”, “Para Lennon e McCartney” e “Coisa Feita”, e outras joias de seu repertório, como “Encontros e Despedidas”, “Iolanda” e “Começar de Novo”. Ao lado de uma nova geração de músicos, Simone reveste seus sucessos com arranjos contemporâneos, reafirmando sua capacidade de diálogo com o presente. A apresentação ainda terá a abertura de Julia Vargas e Natascha Falcão, com o show “LeeGal”, homenagem a Rita Lee e Gal Costa, duas artistas que, como Simone, moldaram o imaginário musical do país.

Com 31 álbuns de estúdio e sete ao vivo, além de cerca de 50 canções em trilhas sonoras de novelas, Simone se firmou como



Simone construiu uma sólida carreira de intérprete sempre com refinamento e boas escolhas artísticas

uma voz que atravessa gerações e fronteiras. Suas interpretações de compositores como Milton Nascimento, Chico Buarque, Sueli Costa, Ivan Lins e Gonzaguinha tornaram-se definitivas, muitas vezes apresentando essas obras ao grande público. Reconhecida internacionalmente, foi homenageada em 2023 com o Prêmio à Excelência Musical no Latin Grammy. Com a nova turnê, Simone não apenas revisita sua própria história – ela

continua escrevendo novos capítulos com a mesma intensidade com que cantou o Brasil inteiro ao longo das últimas cinco décadas.

SERVIÇO

SIMONE

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) 26/4, a partir das 20h (abertura dos portões)

Ingressos a partir de R\$ 90

O jazz à francesa de Camille Bertault

Cantora apresenta no Blue Note Rio seu show ‘Bonjour Mon Amour’

Alamada como uma das vozes mais expressivas da nova cena do jazz europeu, a francesa Camille Bertault retorna ao Brasil para apresentar seu novo espetáculo, baseado no álbum “Bonjour Mon Amour”, no palco do Blue Note Rio nesta sexta-feira (25), às 20h. O concerto marca mais um pas-



Divulgação

A francesa Camille Bertault é uma das boas surpresas da nova cena do jazz europeu

so ousado na trajetória da artista, conhecida por sua técnica refinada, senso de improviso e ousadia estética, características que a colocaram no radar da crítica e do público em todo o mundo.

Camille conquistou destaque internacional ao combinar domínio vocal e teatralidade em performances que transitam com naturalidade entre a tradição do jazz e a música popular contemporânea. Nomeada ao prêmio de Melhor Álbum Vocal no German Prize e colaboradora de nomes como Chris Potter – com quem dividiu a faixa vencedora do Grammy “Koko” – a cantora reafirma sua versatilidade em “Bonjour Mon Amour”, seu quinto disco. O projeto é um mergulho sensorial em múltiplos universos: chanson, jazz, improvisação livre, poesia falada, slam e até paisagens sonoras eletrônicas se entrelaçam sob o fio condutor da percussão, elemento central do álbum.

Com letras que não hesitam em tocar feridas contemporâneas, Camille aborda temas

como confinamento, relações tóxicas, vício em telas, ecologia e bullying. As canções se revelam ora melancólicas, ora irônicas, mas sempre densas em conteúdo e emoção. É uma crônica poética do nosso tempo, onde a leveza vocal da artista contrasta com a cruza de suas palavras. Nomes como Serge Gainsbourg, Brigitte Fontaine, Thelonious Monk, Fiona Apple, Portishead e Tania Maria servem de inspiração para este mosaico sonoro, que também rende homenagens discretas a mestres como Ravel e Horace Silver.

A força de “Bonjour Mon Amour” reside também na entrega cênica de Camille, uma artista capaz de dizer algo novo — como poucos hoje conseguem fazer. (A.N.)

SERVIÇO

CAMILLE BERTAULT - BONJOUR MON AMOUR

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana) | 25/4, às 20h
Ingressos a partir de F\$ 60

Entre o arco e a flecha

Marcos Sacramento celebra 40 anos de carreira com o show “Arco” com canções autorais, releituras e homenagens à cultura afro-brasileira

Por Affonso Nunes

Marcos Sacramento apresenta neste sábado (26), no Teatro Rival Petrobras, o espetáculo “Arco”, show que nasce do disco homônimo e que celebra os 40 anos de carreira de um dos grandes nomes da música carioca. Aclamado pela crítica, o álbum propõe uma travessia por diferentes fases da trajetória de Sacramento e, ao mesmo tempo, aponta novos rumos estéticos.



Divulgação

Marcos Sacramento comemora 40 anos de carreira com um álbum desafiador

Produzido por Elísio Freitas, com direção artística de Phil Baptiste, o disco reúne releituras marcantes e seis faixas autorais – resultado de parcerias com nomes como Paulo Baiano, Luiz Flávio Alcofra, Manu da Cuíca, Luiz Carlos Máximo e Thiago Amud. Há também colaborações vocais com Josyara, em “Bahia-Rio”, e Zé Ibarra, que divide com Sacramento os vocais de “Todo o Amor Que Houver Nessa Vida”.

“Depois de 40 anos de carreira, quis fazer diferente, me jogar em algo que eu não dominava. Quis juntar forças, conhecimentos e estéticas com artistas com os quais não tinha trabalhado. O resultado me deixou muito feliz, estou inteiro ali. Acho que o público que me acompanha não só me reconhecerá, como me verá a partir de uma outra perspectiva”, conta.

Entre as novidades, Sacramento grava pela primeira vez em língua estrangeira – no caso, o clássico venezuelano “Tonada de Luna Llena”, de Simón Díaz – e também assina sua primeira faixa à capella: uma releitura potente de “Xangô”, samba-enredo do Salgueiro em 2019.

SERVIÇO

MARCOS SACRAMENTO

- ARCO

Teatro Rival Petrobras (Rua

Álvaro Alvim, 33

- Cinelândia)

26/4, às 19h30

Ingressos: R\$ 120

e R\$ 60 (meia)

No repertório do espetáculo, canções que orbitam o universo do álbum dividem espaço com obras que marcaram sua trajetória e com novos sentidos para antigos clássicos.

A banda que o acompanha tem Elísio Freitas (direção musical e guitarra), Kassin (baixo), Luiz Flávio Alcofra (violão), Antonio Dal Bó (teclados), Estevam Barbosa (bateria) e Netinho Albuquerque (pandeiro).

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Camila Cornelsen/Divulgação



25 anos de Fresno

Celebrando 25 anos de estrada, a Fresno desembarca no Rio com a turnê “Eu Nunca Fui Embora” neste sábado (26) na Fundação Progresso. O show celebra a trajetória da banda gaúcha com um repertório que equilibra faixas do novo álbum — lançado em 2024 e recheado de colaborações marcantes como Pablo Vittar, NX Zero, Chitãozinho & Xororó e Filipe Catto — com sucessos que atravessaram gerações.

Guarim de Lorena Chapada/Divulgação



É pro Chico

O Teatro Rival Petrobras recebe nesta sexta (25) a sétima edição do projeto “Meu Caro Amigo – Chico Buarque”, um tributo coletivo ao compositor. O espetáculo reúne 18 cantores e banda que revisitam o repertório de Chico com arranjos cuidadosos e interpretações de afeto. O projeto nasceu em 2016 e tornou-se um encontro frequente de músicos e intérpretes, unindo gerações e estilos em torno de um mesmo propósito.

Divulgação



Piano na Sala

A Sala Cecília Meireles recebe nesta sexta (25), às 19h, o pianista Eduardo Monteiro. No programa, Beethoven, Wagner-Liszt, Debussy, Francisco Mignone e Villa-Lobos. O concerto será transmitido ao vivo pela TV Alerj, com exibição pelo YouTube da Sala. Os ingressos custam R\$ 40 e R\$ 20 (meia). Destaque do piano brasileiro, Monteiro já se apresentou como solista com grandes orquestras internacionais.

Serginho Gomes/Divulgação



A hora do Sabiá

O cantor e compositor João Sabiá sobe ao palco do Blue Note Rio nesta sexta (25), às 22h30, com o show de lançamento de seu quinto álbum, “João & Violão”. Em formato intimista, o espetáculo propõe um mergulho sensível no universo musical do artista que mescla suas próprias composições com releituras de clássicos da música brasileira de Jorge Ben Jor, João Gilberto, Tom Jobim e Marcos Valle.

Voices de pertencimento

Tuyo celebra sete anos com show intimista que resgata o formato voz e violão, uma marca do início da carreira do trio

Por **Affonso Nunes**

Com sua identidade marcante e sonoridade singular, o grupo Tuyo abre a programação de 2025 do projeto “Pôr do Sol” com duas apresentações na Casa Museu Eva Klabin neste sábado (26). A primeira sessão, às 17h, teve os ingressos esgotados em poucas horas, motivando a abertura de um show extra, no mesmo dia, às 19h30. As performances resgatam o formato intimista de voz e violão, presente no início da trajetória do trio.

Formado pelas irmãs paranaen-



Divulgação

O Tuyo se apresenta em dois horários na Casa Museu Eva Klabin neste sábado

ses Lilian e Layane Soares e pelo capixaba Jean Machado, o Tuyo é um dos nomes mais inventivos da novíssima MPB. Sua estética é marcada por arranjos minimalistas que equilibram a densidade emocional

das letras com a leveza de timbres eletrônicos, harmonias vocais precisas e uma abordagem experimental que transita entre o pop alternativo, a música eletrônica e o R&B.

O grupo conquistou uma base

fiel de ouvintes com faixas que abordam temas como vulnerabilidade, solidão e pertencimento, sempre com uma sensibilidade que escapa dos clichês. Ao longo de sete anos, firmaram-se como uma das

principais vozes da chamada nova MPB, acumulando indicações ao Grammy Latino, ao Prêmio Multishow e elogios da crítica.

O repertório transita por diferentes momentos da banda, incluindo faixas do EP “Depois da Festa” (2022) e do elogiado “Chegamos Sozinhos em Casa” (2021), indicado ao Grammy Latino e ao Prêmio Multishow. Também marcam presença músicas dos primeiros projetos, “Pra Doer” (2017) e “Pra Curar” (2018), reafirmando a coerência estética e poética do grupo ao longo dos anos. “É a possibilidade de viver uma experiência mais próxima com quem nos assiste. É algo que a gente constrói e busca desde muito tempo”, comenta Lio.

SERVIÇO

TUYO

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 – Lagoa)
26/4, às 17h (esgotado) e 19h30 | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

CRÍTICA / DISCO / NÃO NAVEGO PARA CHEGAR

Música à flor da pele

Por **Aquiles Rique Reis***

Hoje trataremos de Não Navego Para Chegar (Biscoito Fino), o novo álbum de inéditas de Francis Hime, com diversos de seus parceiros. O gênio das melodias sofisticadas volta a se manifestar, agora acompanhado por cantoras e cantores que se juntaram aos instrumentistas para conceberem um álbum que tece loas à música.

São eles e elas: Paulo Aragão (violão); Jorge Hélder (baixo elétrico); Marcus Thadeu (bateria); Aquiles Moraes (trompete); Ricardo Silveira (guitarra); Dirceu Leite (flauta alto e saxes tenor e barítono); Cristiano Alves (clarinete); Aquiles Moraes (flugelhorn e trompete); Hugo Pilger (cello); Quarteto Maogani: Carlos Chaves (violão requinto), Diogo Sili (vio-

lão), Lucas Galato (violão) e Paulo Aragão (violão de oito cordas); Kiko Horta (acordeom); Luciana Rabello (cavaquinho); Maurício Carrilho (violão); Diego Zangado (percussões rítmicas).

“Imaginada” (Francis Hime, Ivan Lins e Olivia Hime): com participação de Ivan Lins, tem melodia triste de muita beleza. Amor à flor da pele. “Chuva” (Francis Hime e Zélia Duncan): Francis canta o samba lento. Os sopros criam a atmosfera propícia que deságua num intermezzo do clarinete.

“Samba Pra Martinho” (Francis Hime, Geraldo Carneiro e Olivia Hime), com participação de Simone, é um samba digno para louvar Martinho da Vila.



Divulgação

“Não Navego Para Chegar” (Maurício Carrilho, Francis e Olivia Hime) tem participação de Mônica Salmaso, como ela canta!

“Um Rio” (Francis Hime e Olivia Hime) tem linda intro e Olivia Hime cantando. Até Dori Caymmi se achegar, ele que tão bem canta o Rio e Olivia prosse-

guir declamando versos sobre a cidade.

“Tempo Breve” (Francis Hime e Bráulio Pedroso) tem bela participação de Zélia Duncan; sua voz grave soa ainda mais delicada.

“Imensidão” (Francis Hime, Zé Renato e Olivia Hime): após intro do violão, Zé Renato canta como poucos a melodia de Francis.

“Shakespeareana” (Francis Hime e Geraldo Carneiro): os violões do Quarteto Maogani dão segurança para Francis cantar.

“Tomara Que Caia” (Francis Hime e Moraes Moreira), com Leila Pinheiro, cantada em duo com Francis, é suingue puro. Num intermezzo do trompete, o ritmo flui.

“Chula Chula” (Francis Hime

e Geraldo Carneiro): Francis inicia. Logo Lenine se junta a ele e o Nordeste pulsa forte. “Infinita” (Francis Hime e Ziraldo) tem Francis cantando com Olivia.

Onze arranjos que reafirmaram a criatividade de Francis, que, somada às harmonias e melodias perfeitas, estão enriquecidas por versos de quem escreve com sabedoria.

Entregues à emoção de comemorar a longa parceria de vida, Francis e Olivia nos entregam música à flor da pele. Ouça o álbum em

Ficha técnica: Produção musical: Paulo Aragão; direção musical: Francis Hime; direção artística: Olivia Hime; arranjos: Francis Hime (exceto “Shakespeareana”, de Paulo Aragão); gravação, mixagem e masterização: Lucas Ariel.

*Vocalista do MPB4 e escritor



OSCAR NIEMEYER

O DESENHO NA ARQUITETURA

Descubra o legado de Niemeyer no Sesc Copacabana.

O traço que moldou, agora se revela em desenhos e croquis originais, numa exposição inédita. O Sesc Copacabana recebe uma mostra que mergulha no processo criativo de Oscar Niemeyer, o arquiteto mais importante do Brasil.

Com um acervo familiar e exclusivo, a exposição reúne fotografias, esculturas, desenhos e plantas técnicas assinadas por Niemeyer, revelando a beleza, a ousadia e a sensibilidade de sua obra.

Venha conhecer o artista por entre as suas linhas.

De 10/4 a 29/6 - Sesc Copacabana

Das 10h às 19h (terça a domingo)

Rua Domingos Ferreira, 160

SAIBA MAIS EM:



L Livre para todos os públicos
e entrada gratuita

REALIZAÇÃO



Produções oriundas do tradicional festival gaúcho ocupam o CCBB RJ até 12 de maio

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O Festival Porto Alegre em Cena é um dos mais importantes eventos de artes cênicas do Brasil. Criado em 1994, o festival é promovido pela Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa da capital gaúcha e ocorre anualmente, reunindo cerca de 50 espetáculos a preços populares em diversos espaços da cidade, como praças públicas, teatros e locais alternativos.

Ao longo de suas edições, o festival já levou à cidade artistas renomados, como Peter Brook, Pina Bausch, Philip Glass, Fernanda Montenegro e muitos outros, além de companhias brasileiras de destaque, como o Teatro Oficina e o Grupo Galpão.

A 31ª edição, realizada de 23 de novembro a 1º de dezembro de 2024, teve um enfoque especial na produção artística do Rio Grande do Sul, em resposta à crise climática que afetou o estado. Com mais de 80 atrações, incluindo espetáculos de teatro, dança, circo e performances, o evento contou com a participação de mais de 12 mil pessoas em 35 locais diferentes da cidade.

Além das apresentações, o festival promove atividades formativas, debates e oficinas, fortalecendo a cena cultural local e nacional. A edição de 2024 homenageou Carla Vendramin, um dos maiores nomes da dança gaúcha, falecida em janeiro daquele ano.

O Porto Alegre em Cena é um espaço de celebração da arte, promovendo encontros intergeracionais e valorizando a diversidade cultural. As enchentes que atingi-



A elogiada 'Caio do Céu' saiu de cartaz no último dia 20

CenaPoa, antes de tudo um forte

Adriana Marchiori/Divulgação



'Onde Está Cassandra?' segue em cartaz até 12 de maio no Teatro I do CCBB

ram o Rio Grande do Sul em maio de 2024 impactaram profundamente o Festival Porto Alegre em Cena.

A 31ª edição, que estava praticamente pronta, precisou ser completamente reformulada devido à devastação causada pelas águas. O evento, inicialmente planejado com uma programação internacional e retorno ao mês tradicional de setembro, foi adiado para novembro e dezembro. A decisão de priorizar artistas locais foi uma resposta direta à crise climática que desabrigou milhares de pessoas e afetou gravemente o setor cultural. Espaços culturais foram danificados, e muitos profissionais perderam suas fontes de renda. O festival, portanto, tornou-se um símbolo de resiliência e reconstrução, destacando a força da cena artística do Rio Grande do Sul.

Para 2025, espera-se que o festival continue a valorizar a diversidade e a inclusão, promovendo atrações que abrangem vários segmentos culturais e públicos de todos os gostos. A direção artística compartilhada, implementada em 2024, deverá continuar a pensar no futuro do festival, promovendo atividades formativas e encontros de realizadores e incentivadores de festivais cênicos nacionais e internacionais.

O Porto Alegre em Cena mantém seu compromisso com a descentralização das atividades, levando espetáculos a diferentes regiões

da cidade e valorizando espaços culturais locais. O festival continua a ser um espaço vital para a expressão artística e o diálogo cultural, fortalecendo a identidade e a diversidade das artes cênicas no Brasil.

O CenaPoa entra em 2025 em uma nova etapa, levando quatro espetáculos da 31ª edição para outros estados, ampliando a visibilidade das artes cênicas produzidas no Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, em parceria com o Centro Cultural Banco do Brasil, dois espetáculos foram selecionados pelo CCBB para cumprirem uma temporada: "Caio do Céu", que encerrou temporada no dia 20; e Onde Está Cassandra, que segue em cartaz até 12 de maio. A iniciativa não apenas amplia a visibilidade das produções locais, mas também consolida o festival como ponte cultural, fortalecendo o diálogo entre a cena gaúcha e o circuito artístico nacional.

SERVIÇO

FESTIVAL PORTO ALEGRE EM CENA

Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I
(Rua primeiro de Março, 66 - Centro)

Espectáculo: Onde Está Cassandra?

Até 12/5, de segunda a sábado* (19h) e domingos (18h)

*Exceto terças
Ingresso: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / MEU REMÉDIO

Gustavo de Freitas Lara/Divulgação

Dando nome aos bois

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

O dar nome aos bois é uma expressão de duplo sentido. A dificuldade de se nomear qualquer coisa ou ser sincero. Ambos os processos já são complicados. Imagina a escolha do nome de um filho, que é uma escolha do pai ou da mãe e vai fazer com que o filho carregue esse legado, essa herança, o resto da vida. Imagine quando o pai e a mãe são de culturas diferentes, países diferentes, religiões diferentes. E, num acordo, resolvem que o pai vai colocar o nome no filho e a mãe vai colocar o nome da filha. É assim que nasce a história de “Meu Remédio”, que conta os impasses, as alegrias, os encontros e desencontros do ator Mouhamed Harfouch.



Mouhamed revisita sua ancestralidade em ‘Meu Remédio’

A primeira coisa que é muito interessante é o título. Mouhamed era chamado de Meu Remédio pelo porteiro. Mas, ao escrever esse texto, ele remedia todas as tristezas causadas pelo nome e que marcaram a sua vida. Todas

as tristezas, todas as questões que ele teve com um nome complicado, difícil de pronunciar e, mais do que isso, claramente representante de uma cultura, são a base do texto, posto que o que não tem remédio, remediado está.

A obra autoral, primor do estilo chamado “escrita de si”, pode soar simples, mas é sofisticada. Ele está sozinho no palco, mas contracenando, não com pessoas, mas com o seu nome complicado e os episódios aí gerados. Com isso, conta e define todas as suas origens: a mãe, o pai, o tio, a irmã, os colégios, os amigos, e decide, sobretudo, que, apesar dessas dificuldades, vai ser ator. Aliás, ótimo.

A direção de João Fonseca capta o dilema do ator. O texto é leve e os gestos são coerentes com o que diz, uma reprodução do cotidiano. Com essa estrutura de texto, faz com que as pessoas se identifiquem com o drama, porque dificilmente alguém diz “eu adoro meu nome”. Todo nome tem uma história, e uma história a se carregar. É essa história que as pessoas têm que carregar — a sua herança — e essa herança tem que ser transformada em legado. E que é contado com muita habilidade aqui.

SERVIÇO**MEU REMÉDIO**

Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - 3º piso) | Até 27/4, sábado (20h) e domingo (19h) | R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Pai e filha em ‘Rei Lear’

Com dramaturgia de Marcia Zanelatto e direção de Pedro Kosovski, “Devora-me” é uma peça dentro da peça. Em cena, pai e filha na vida real, Ricardo e Luiza Kosovski, vivem personagens que também são pai e filha. Sob o olhar do diretor e filho mais velho, Pedro, a família mergulha na autoficção. Inspirados por “Rei Lear”, os personagens tentam se reconectar após um afastamento emocional. A peça aborda temas como envelhecimento, cuidado e poder familiar. Em cartaz no Teatro Sesc Tijuca II.

Divulgação



Divulgação

**Dança transformadora**

O vogue, estilo de dança surgido nos bailes da cultura Ballroom, ganhou muito destaque na cultura pop pela divulgação de Beyoncé e Madonna. “Atraque” é um espetáculo transformador, protagonizado por artistas trans do Ballroom carioca, até domingo no Espaço Cultural Sérgio Porto. A peça mistura dança, moda, performance e audiovisual, valorizando quem criou essa linguagem. Com realização da House of Mamba Negra, “Atraque” coloca artistas trans no centro da cena, cruza arte com vivência real, sendo o vogue expressão, resistência e pertencimento.

Daniel Eibendiger/Divulgação

**‘Viúva Alegre’ de volta**

Após mais de uma década, “A Viúva Alegre”, de Franz Lehár, volta ao Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com récitas nesta sexta, sábado e domingo (25 a 27). Com direção de André Heller-Lopes e regência de Felipe Prazeres, a produção conta com Coro e Orquestra Sinfônica do Municipal. A atriz Alice Borges estreia no palco, homenageando Dercy Gonçalves. O espetáculo destaca-se pelas homenagens à cultura popular e por sua montagem vibrante. No elenco, nomes como Gabriella Pace, Tati Helene, Igor Vieira e mais. A coreografia é de Rodrigo Negri.

SHOW**PAGONEJO BÃO**

*O cantor Alexandre Pires estreia o primeiro show de seu mais novo projeto: releituras de clássicos do sertanejo em ritmo de pagode. Sáb (26), às 22h. Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca). A partir de R\$ 95

MAURÍCIO EINHORN

*Uma lenda viva da música brasileira, o veterano gaitista, um dos mais importantes em atividade no mundo, apresenta o show "Travessuras", no qual revisita o álbum homônimo lançado em 2007. Dom (27), às 19h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

TEATRO**LADY TEMPESTADE**

*Monólogo com Andréa Beltrão mergulha no diário de advogada penambucana que se dedicou a salvar presos políticos na ditadura militar. Até 27/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (R. S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

TAMBÉM QUERIA TE DIZER

*Neste monólogo Emílio Orciollo Neto encarna, em primeira pessoa, experiências e descobertas de diversos homens, a partir de sete cartas - seis delas retiradas do best-seller "Tudo Que Eu Queria Te Dizer", de Martha Medeiros. Até 27/4, sex e sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Domingos Oliveira (Planetário da Gávea - Av. Padre Leonel Franca 240). R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

VIOLETA PARRA EM DEZ CANTOS

*Espetáculo com direção de Luiz Antônio Rocha e atuação de Rose Germano, resgata a história da multiartista chilena. Até 25/4, qui e sex (20h). Teatro Glauco Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº, Copacabana). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

SIDARTA

*Espetáculo inspirado na obra de Hermann Hesse, Nobel de Literatura, que narra, de forma ficcional, uma viagem que o próprio autor realizou na juventude, abarcando temas de valor existencial. Até 27/4, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeirinha (R. S. João Batista, 104, Botafogo) R\$ 80 e R\$ 40 (meia)



Alexandre Pires

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Felipe Diniz/Divulgação



A Falecida

PALAVRAS

*Espetáculo com Tuca Moraes e direção de Luiz Fernando Lobo baseado na obra de Clarice Lispector. A atriz se deixa conduzir pelo pulsar de palavras, de frases, de memórias, de sentimentos, pensamentos, acumuladas uns sobre os outros. Até 25/4, qui (19h). Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, 299, Armazém 6, Gambôa). R\$ 50 e R\$ 25

A JORNADA DE UM HERÓI

*Montagem da Cia Atores da Fábrica, da Baixada Fluminense, mostra José, trabalhador desempregado que enfrenta diversos dissabores, levando ao público questões urgentes em nossa sociedade como racismo estrutural, precarização do trabalho e desigualdade. Até 30/4, ter e qua (19h). Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Centro). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

Felipe Ovelha/Divulgação



Lady Tempestade

Felipe Diniz/Divulgação



Maurício Einhorn

À VINHAD'ALHOS

*Três irmãos criados na periferia carioca e com visões diferentes de mundo debatem o que fazer com a casa onde foram criados, a única herança deixada por sua mãe e que não possui registro. Até 26/4, de qui a sáb (19h). Teatro Correios Léa Garcia (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

A FALECIDA

*Nesta montagem Camila Morgado dá vida à Zulmira, personagem central de uma das tragédias mais emblemáticas da visceral dramaturgia do mestre Nelson Rodrigues (1912-1980). Até 4/5, qui e sex (19h) e sáb e dom (18h). Teatro Nelson Rodrigues (Avenida República do Paraguai, 230 - Centro). Entre R\$ 15 e R\$ 40

EXPOSIÇÃO

NATUREZA FANTÁSTICA

*A individual da artista plástica gaúcha Patrícia Fairon propõe um mergulho em paisagens que transitam entre o real e o onírico com telas que revelam a natureza em toda a sua complexidade. Até 7/6, de ter a sáb (12h às 19h). Centro Cultural Correios RJ 9Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro). Grátis

FAZER O AR

*A artista plástica mineira Iole de Freitas apresenta na cidade sua mais recente produção: 16 obras inéditas que exploram a interação existente entre volume e ar numa profusão de formatos. Até 11/5, de ter a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça XV, 48 - Centro). Grátis

Thaysa Lota/Divulgação



Solanhinho

Divulgação



Rio Pet Week

ÁGUAS DA AMAZÔNIA

*A artista Ana Luiza Varella apresenta nesta individual obras que exploram o fenômeno do encontro das águas do rio e do oceano e seus mistérios. Até 30/5, seg a qui (13h às 19h) e sex (12h às 18h). Galeria de Arte IBEU (Rua Maria Angélica, 168 - Jardim Botânico). Grátis

ENTRE A TERRA E A ETERNIDADE

*Esta exposição coletiva reúne os trabalhos, em múltiplas linguagens, de 10 artistas mulheres indígenas que evocam memórias coletivas, resistência cultural e os ciclos de transformação que atravessam gerações de seus povos. Até 26/4, ter a sex (11h às 18h) e sáb (13h às 18h). Espaço Cultural Correios Niterói (Avenida Visconde do Rio Branco, 481 - Centro). Grátis

ERA UMA VEZ

*Coletiva explora a memória e o esquecimento a partir de intervenções artísticas sobre registros fotográficos. Até 4/5, qua a sáb (17h às 22h) e dom (13h às 21h). Galeria Ponto G (Rua Benjamin Constant, 117, Glória). Grátis

FANTÁSTICO FEMININO

*A ceramista Rosana Pereira, do Vale do Jequitinhonha (MG), apresenta individual de suas esculturas de barro com criaturas meio-gente meio-bicho em situações cotidianas. Até 18/5, ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer 11h às 17h). Sala do Artista Popular (Rua do Catete, 179). Grátis

INFANTIL

A MENINA E O CUBO

*Garota tem que lidar com o medo do desconhecido, a insegurança diante de perdas e a superação de limites pessoais. Até 27/4, sáb e dom (16h). Casa de Cultura Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

SOLANHINHO

*Uma viagem onírica ao passado regada pela poesia de Solano Trindade. Até 18/5, sáb e dom (16h). Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, nº 539). R\$ 20, R\$ 10 (meia), R\$ 5 (associado Sesc) e grátis (PCG)

PEQUENÍSSIMAS MÃOS

*Os visitantes desta atividade vão ouvir uma história cantada e depois brincar de encontrar respostas num grande jogo de encaixe com muitas cores e texturas. Dom (19), às 11h. Atelier Educativo do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA

*Cinderela, Branca de Neve, Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho embarcam numa jornada para desvendar o desaparecimento de Feiurinha, uma princesa quase esquecida. Até 27/4, sáb e dom (16h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 90 e R\$ 45 (meia).

EVENTO

RIO PET WEEK

*o Shopping Nova América recebe evento totalmente dedicado ao mundo pet com serviços diversos, parcão, área kids e gastronomia para toda a família. De 27/4 a 4/5, diariamente das 16h às 22h. Av. Pastor Martin Luther King Jr., 126 - Del Castilho. Grátis

ENTREVISTA / KARNI HANEMAN, ATRIZ E DIRETORA

Divulgação

'Preciso escrever todos os meus pensamentos sem filtro'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Foi pelas telas da Argentina, durante o 26º Festival Internacional de Buenos Aires – Bafici, que a atriz e realizadora israelense Karni Haneman conheceu a América do Sul, ao exibir seu (festejado) longa-metragem “Tom’s 2nd Suicide” para nuestros hermanos. Bem calçado na engenharia sonora de Ronen Nagel, este drama de tons cômicos flerta com a finitude para celebrar a vontade de viver, amparado por um trabalho plural de sua realizadora, responsável também pelo roteiro e pela montagem. A ação se passa em 9 de março, o dia da tentativa anual de suicídio de Tom (papel da própria cineasta). É também o momento em que Kobi (Adam Avidan) precisa enfrentar más notícias. O destino e um carro quebrado forçam os dois a embarcar em uma jornada surreal, com o objetivo de acabar com a vida de Tom.

Na entrevista a seguir, Karni faz um panorama da cena cinematográfica de Israel hoje.

Seu drama aborda o tema do suicídio sem tratá-lo de forma trágica. Você fala sobre amizade e amor, fala sobre aliança. Até que ponto as experiências de solidão e isolamento causadas pela Covid-19 desempenharam um papel nesse argumento?

Karni Haneman: Para ser sincera, escrevi o roteiro há cerca de 10 anos. Ele surgiu mais ou menos na mesma época em que escrevi meu primeiro roteiro, “Fuck You Jessica Blair”, mas decidi não fazer nada com ele durante anos, porque não parecia certo. Há uns cinco anos, eu estava trabalhando em uma

peça em Londres, e a Covid-19 e o isolamento começaram. Eles acabaram com o teatro e com a vida em geral. Como a peça estava em andamento, e eu não tinha nada melhor para fazer durante esse período, decidi começar a reescrever o roteiro de “Tom’s 2nd Suicide” e acabei terminando a escrita e a pré-produção durante os dois anos da pandemia. Portanto, embora não tenha sido originalmente uma parte do filme, o coronavírus definitivamente me afetou subconscientemente e esteve presente durante o processo, e provavelmente desempenhou um papel no motivo pelo qual parecia ser o momento certo para começar a trabalhar nele. Felizmente, decidimos adiar as filmagens antes que elas acontecessem por outros motivos, mas foi definitivamente simbólico o fato de eu também ter contraído a Covid e ter que ficar isolada no que deveria ser o primeiro dia original de filmagem, em vez de estar no set.

Qual é o maior desafio de falar sobre personagens suicidas?

Meu maior desafio pessoal ao falar sobre personagens suicidas e deprimidos foi o fato de eu ter que me aprofundar em minha experiência pessoal durante um momento de baixa em minha vida. É algo que não é fácil de fazer (e que eu evitava no passado). Pior é expor isso para todos. O que aprendi ao trabalhar em filmes, ainda mais neste, foi que preciso evitar o medo e, simplesmente, escrever todos os meus pensamentos sem filtro, por mais estranhos ou ridículos que possam parecer em minha cabeça, da maneira mais honesta possível. Caso contrário, não serei genuína. Também foi especialmente desafiador criar os personagens e atuar ao mesmo tempo, pois, quando começamos a pré-produção e os ensaios, eu sentia que já estava em um



lugar diferente. Um lugar muito melhor na minha vida. Estava com medo de me forçar a voltar para aquele lugar ruim de antes para conseguir interpretar a personagem e fazer o filme. Mas acho que isso acabou beneficiando “Tom’s 2nd Suicide”, porque pude olhar para ele de fora e encontrar um equilíbrio melhor e uma linguagem específica para ele, do que se eu mesmo ainda estivesse naquele lugar sombrio durante as filmagens.

Como o seu filme se posiciona em relação à produção cinematográfica israelense atual?

Creio que, nas últimas duas décadas, o cinema independente está definitivamente em ascensão em Israel. Pelo menos pelo que vejo, cada vez mais cineastas estão fazendo seus filmes a qualquer custo - ou sem custo - e a variedade de histórias e tópicos é imensa. Cineastas não têm medo de experimentar filmes e gêneros diferentes e incomuns: de

terror e suspense - como “Big Bad Wolves” e “Rabies” - a filmes indie de arte - como “Not in Tel Aviv” (de Nony Geffen) - passando por Michal Bat-Adam, (atriz e diretora) que, há décadas, cria sem parar com orçamentos mínimos. Definitivamente, meu filme é uma mistura de minhas experiências pessoais, que são as do cinema em Israel e do teatro em Londres, porque é de lá que vem a maior parte do meu impacto nas artes cênicas, depois de morar e estudar lá por alguns anos. Acho que é uma espécie de mistura de todas as coisas que me inspiram, portanto, algo entre um filme local, teatro britânico e filmes independentes americanos mais antigos. Quanto ao teatro local, infelizmente, ainda não tive muita chance de trabalhar com teatro em Israel, mas posso ver nos últimos anos que muitos filmes excelentes e bem-sucedidos estão sendo reproduzidos como peças de sucesso: “Aviva, My Love”, “Zero Motivation” e, mais recentemente, o fabuloso “Nota de Rodapé”.



Alemanha acende 'A Luz'

Frederic Batier/X Verleih



'A Luz' (*Das Licht*) faz uma ponte Brasil x Berlim nas telas do festival Imovision

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Responsável pelo regresso de Tom Tykwer às telonas, produção que abriu a Berlinale traz a força do cinema germânico ao Festival de Cinema Europeu Imovision

A fim de assegurar pluralidade geográfica em seu recorte das estéticas do Velho Mundo, a 1ª edição do Festival de Cinema Europeu Imovision conta com uma grife autoral germânica que se consolidou na década de 1990: Tom Tykwer. Egresso de Wuppertal, o cineasta chegou ao Brasil com seu longa-metragem mais recente, "A Luz" ("Das Licht"), que inaugurou a 75ª Berlinale, em fevereiro. Sua escalação reflete o interesse da maratona cinéfila brasileira (concebida pelo distribuidor e exibidor francês Jean Thomas Bernardini) em celebrar a indústria alemã, que se encontra acossado por uma crise financeira decorrente

da estagnação da economia de sua pátria. Tem sessão dele na sexta e no sábado, com novas projeções na segunda, em salas como os Kinoplaces São Luiz, Leblon e Fashion Mall, além de Cinesystem Botafogo, Rede Cinemark e Reserva Cultural de Niterói.

"Fazer um cinema refrescante para o olhar custa e arrumar dinheiro na Alemanha para filmar é difícil", disse Tykwer, que já dirigiu Tom Hanks, Halle Berry, Clive Owen, Dustin Hoffman e Hugh Grant no passado e, hoje, aposta num elenco de estrelas de sua nação em "A Luz". "Existe sempre o desa-

fio de filmar sem ser kitsch", falou o diretor no Festival de Berlim.

Sua obra teve retumbância mundial durante o redesenho do audiovisual germânico na conversão do cinema analógico (em película 35mm ou 16mm) para o digital, na década de 1990. Os cults "Winter Sleepers – Inverno Quente" (1997) e "Corra, Lola, Corra" (indicado ao Leão de Ouro de 1998) fizeram sua fama. O novo exercício de sua autoralidade, "Das Licht", investiga as práticas de incomunicabilidade (e de privilégio social) de uma metrópole. Nesse drama com toques não realistas de

musical, uma família se amontoa num apartamento a administrar mal suas desarmonias. O casal Milena (Nicolette Krebitz) e Tim (Lars Eidinger) lidera esse arranjo familiar, mas parece incapaz de ter prazer ou de manter uma interseção de olhares. Embora as complexidades do dia a dia distanciem seus integrantes, eles ainda preservam algum amor, mesmo incapazes de criar consensos sentimentais. A sequência em que comem macarrão na manteiga coletivamente traduz a incapacidade que todas aquelas pessoas têm em disfarçar seu enfado um com o outro. Quando passa

a conviver com a síria Farrah (vivi-da por Tala Al-Deen), contratada como governanta, esse clã terá novas lições de empatia. O desempenho de Eidinger arrebatou elogios.

"Eu passei os últimos anos (desde 2016) dedicado à série 'Babylon Berlin', reconstituindo a vida sob a ótica do que os nossos antepassados, nossos tataravôs, viveram. Chegou uma hora de ver como as crianças e os jovens adultos entendem o mundo", disse Tykwer, que arrebatou a Berlinale com a sequência de uma corrida de bicicletas que evoca a Nouvelle Vague francesa, com direito a perseguição policial sob a chuva. "Queria celebrar 'Jules et Jim' numa reflexão sobre o desejo".

Apesar de a Alemanha ter escolhido um filme iraniano ("A Semente do Fruto Sagrado", do qual foi coprodutora) como seu representante oficial ao Oscar 2025, ela atravessou 2024 emplacando seus talentos de prestígio nos grandes festivais internacionais e em circuito, como "Stella. One Life", "Cuckoo", "De Hilde, Com Amor" e "A Arte do Caos", que também integra o cardápio de Bernardini. A diversidade de gêneros, da comédia ao thriller, foi grande, atestando o vigor de seu cinema. De tudo o que se viu de lá no ano passado, nada ecoou tão forte quanto "Dying – A Última Sinfonia" ("Sterben"), de Matthias Glasner, com o já citado Eidinger. Estreou na Berlinale passada e saiu dela com o prêmio de Melhor Roteiro. É um longa que, ao lado de "A Luz", renova uma filmografia consagrada, sobretudo nos anos 1970, pelas vezes autorais de Wim Wenders, Volker Schlöndorff, Margarethe von Trotta, Rainer Werner Fassbinder e Werner Herzog. Dos anos 2000 para cá, Maren Ade ("Toni Erdmann"), Christian Petzold ("Undine") e Fatih Akin ("O Bar Luva Dourada") se juntaram a esses medalhões, que, via Áustria, tiveram Michael Haneke (de "A Fita Branca") e Ulrich Seidl ("Paradise: Faith") como expoentes.

O 1º Festival de Cinema Europeu Imovision segue até 30 de abril de 2025 em diversas cidades brasileiras.

CRÍTICA / FILME / SERRA DAS ALMAS

Fred Jordão/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Responsável por um dos ciclos mais criativos do cinema brasileiro da primeira metade do século XX, graças a filmes mudos como “Aitaré da Praia” (1925) e “A Filha do Advogado” (1926), o cinema pernambuco reinventou sua importância na cena audiovisual depois de “Baile Perfumado”, de 1996.

Era um tempo em que Chico Science (1966-1997), vindo de Olinda, oferecia uma nova sonoridade para a música brasileira, pelos acordes do movimento manguebeat. Seu som está naquele longa-metragem inesquecível, nas faixas “Salustiano Song”, “Sangue de Bairro” e “Angicos”. Ele surgiu num momento de euforia para o Nordeste, consagrado no Cinema Novo (1962-1969) sobretudo pela Bahia de Glauber Rocha (1939-1981), que abria novos espaços, no fim do milênio, à força do talento de Lívio Ferreira.

De lá vieram Kátia Mesel, Claudio Assis, Camilo Cavalcante, Gabriel Mascaro (premiado com o Grande Prêmio do Júri do último Festival de Berlim por “O Último Azul”) e Kleber Mendonça Filho (que vai concorrer em Cannes, de 13 a 24 de maio, com “O Agente Secreto”).

Lívio abriu o bonde. O longa que o consagrou, o tal “Baile...” – no qual um fotógrafo libanês busca Lampião – foi dirigido em duo com Paulo Caldas (que filmaria na sequência nos seminais “O Rap do Pequeno Príncipe Contra As Almas Sebasas” e “Deserto Feliz”). Ao lado de Caldas, ele trazia na conta os curtas “O Crime da Imagem” (1992) e “That’s a Lero-Lero” (rodado em dupla com Amin Stepple em 1994) e seguiu a edificar uma forma particular de decifrar estratégias de aliança em “Árido Movie” (lançado no Festival de Veneza de 2005) e “Sangue Azul”, exibido na Berlinale de 2015. Esse “objeto” recorrente dele – as convergências, feitas por afeto, tesão ou interesse\$



Ravel Andrade e Vertin Moura integram o bonde da violência de ‘Serra das Almas’

Tragam a cabeça de Sam Peckinpah

– volta à tona, num friso autoral, no sufocante “Serra das Almas”, hoje em cartaz. É uma aula de direção.

André Sampaio assina sua montagem apostando na taquicardia, numa mistura de thriller com western (moderno) que evoca os Imãos Coen de “Onde Os Fracos Não Têm Vez” (Oscar de Melhor Filme de 2008). É uma edição que embaralha (sem confundir) Presente e Passado a fim de justificar um porvir de feridas e pólvora. Lá pelas tantas, ouve-se em cena a frase: “Aonde a gente vai, a gente carrega fantasmas atrás da gente”. Há, indubitavelmente, um outro fantasma cinéfilo, fora o cult dos Coen: a filmografia de Sam Peckinpah (1925 – 1984), realizador

de “Os Implacáveis” (1972) e “A Cruz de Ferro” (1977).

Embora sem usar a câmara lenta que virou marca desse mestre do banguê-banguê e de filmes de ação brutos, a produção pernambucana é “peckinpahniana” na essência. Assemelha-se ao diretor de “Comboio” (1978) em seu recorte de um mundo desencantado, destituído de redenção, pautado por um duplo ethos: o da mesquinhez e o da derrota. Não existe vitória perpétua nos longas de Peckinpah, só acertos provisórios, o que o novo exercício filmico de Lívio reitera, com brasilidade.

No seu poético “Pistoleiros do Entardecer” (1962), o artesão americano da aspereza põe um de

seus cowboys a dizer “Eu só quero entrar em minha casa com dignidade”, de modo a expressar que o mínimo de dignidade de que um caubói precisa é sobreviver. Nenhum Cisco Kid filmado por ele tinha a dimensão homérica de um John Wayne ou o brio épico de um Gary Cooper. No matar ou morrer de um Oeste empoeirado, seus personagens de colt na cintura parecem cães danados, como “Meu Ódio Será Sua Herança” (1969) tão bem demarcou. Uma dinâmica similar se passa com diferentes vértices da trama filmada por Lívio, a partir de um argumento de Maria Clara Escobar, Paulo Fontenelle e Audemir Leuzinger. Seu Pernambuco atual não tem a celebração da

Nação Zumbi dos anos 1990. Ele é coalhado de cowboys em busca do trocado que lhes encha a algibeira.

Existe uma ciranda de quase protagonistas em cena. Cada um tem um momento de expressar a sua vontade de potência ou sua vulnerabilidade. A plateia pode embarcar no eixo que quiser nos diferentes vértices do poliedro cinemático estruturado por Lívio, coroado na Mostra de São Paulo de 2024 com o Prêmio Netflix. O ângulo que mais salta aos olhos é um desgraçado por excelência chamado Gislano, um ladrão de tolerância mínima pelo próximo, que expõe todo o vigor que Ravel Andrade tem atuando. Ravel é um doberman faminto em cena: rosna e morde.

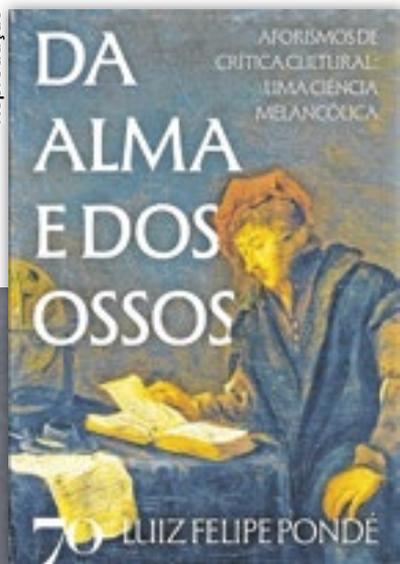
Na “Serra das Almas” de Lívio, ressecada na fotografia dionisíaca de Pedro von Krüger, encontra-se um certo senso de “dignidade” numa repórter idealista que persegue um escândalo: Samanta (Julia Stockler, em inspirado desempenho). Parece haver gentileza numa jovem cantora cansada de delusões: Vera (Mari Oliveira, em firme interpretação). Fareja-se ainda retidão num motoboy de passado nebuloso: Gustavo (Vertin Moura, o achado do elenco, numa atuação meticulosa), que torce toda a nossa compreensão de certo e de errado. Só não restam dúvidas de que o político escroque esculpido por Bruno Garcia no cinzel da excelência sintetiza o degredo moral do Brasil.

Nesse “Traga-me a Cabeça de Alfredo Garcia” (1974) de Lívio, essa gente toda se tromba, direta ou indiretamente a partir de um roubo de joias. O crime detona, na tela grande, um faroeste esturricado, estruturado como comédia de erros, na qual seu diretor esbanja destreza na condução de um elenco de múltiplas proficiências. O olhar triste de Samanta (Stockler), ao fitar o Nordeste com mirada de “Anjo da História”, de “Angelus Novus” (quadro de Paul Klee famoso pelo rosto perplexo de um querubim), sintetiza a sensação de desterro de um país carente de amparo. Um país que Lívio filma com poesia, ainda que nas vias do alarme.

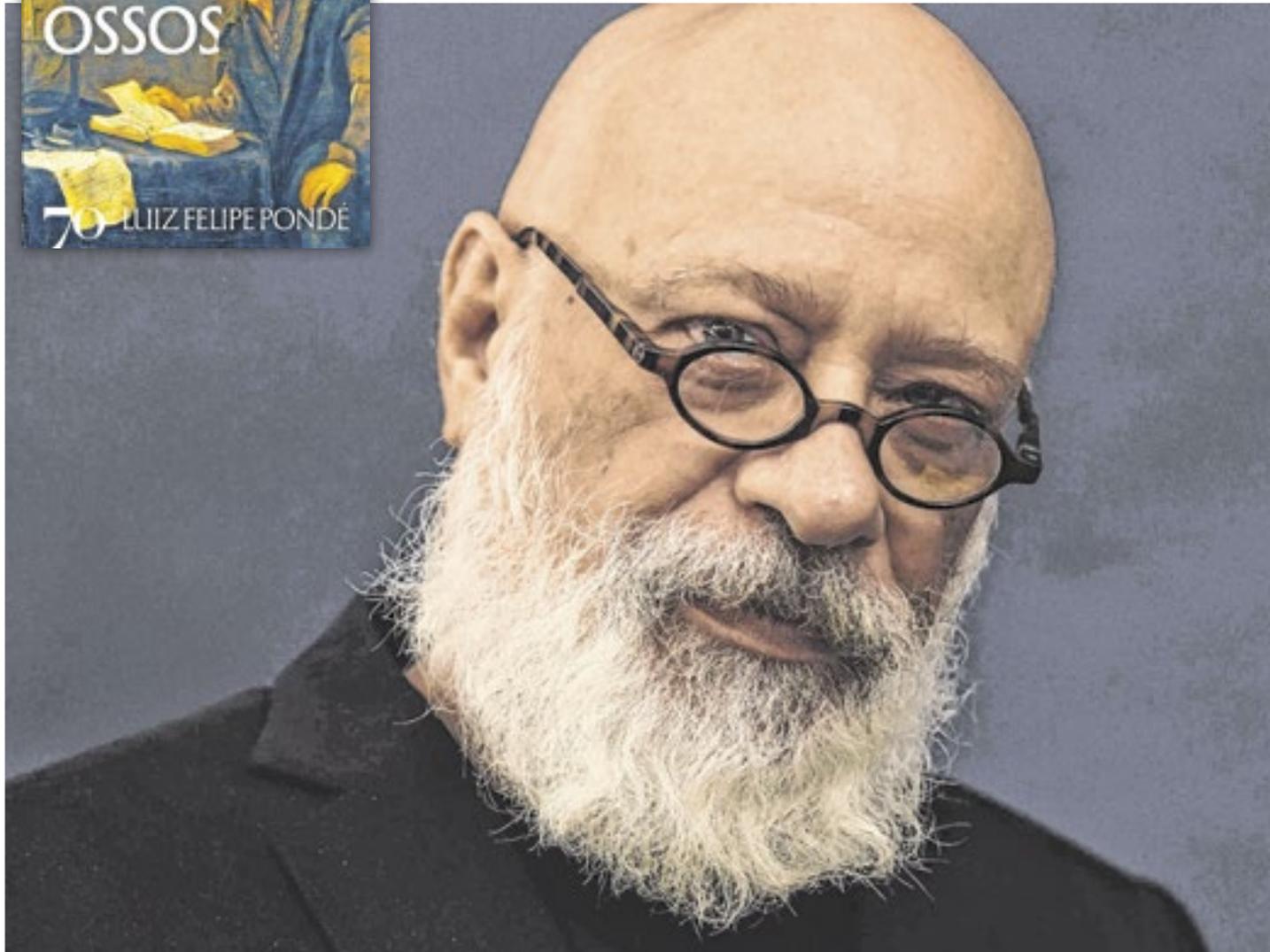
CRÍTICA / LIVRO / DA ALMA E DOS OSSOS

Uma obra contra-indicada para leitores 'santos'

Reprodução



Divulgação



Pondé diz que 'Da Alma e dos Ossos' não deve ser aberto em busca de qualquer tipo de salvamento

Por Isadora Laviola (Folhapress)

O novo livro de Luiz Felipe Pondé se chama "Da Alma e dos Ossos" - uma obra de ensaios curtos com tamanho de leitura de final de semana, mas que demanda tempo e repertório para ser digerida. Doutor em filosofia e autor de

mais de dez livros sobre o gênero, Pondé se formou em um ambiente que, segundo ele, não liga para o leitor - pelo contrário, o vê como um atraso.

Seu novo livro, no entanto, é equilibrado pelo hábito que adquiriu escrevendo sua coluna publicada na Folha de São Paulo: a preocupação com o leitorado, que surge para compensar a necessária

fundamentação teórica. "Não é um livro para entrar desavisado", afirma.

As referências já começam no título. Cada palavra estampada no título e no subtítulo "Aforismos de Crítica Cultural: Uma Ciência Melancólica" - é fruto de reflexões e referências de Pondé.

A ciência melancólica diz respeito à condição miserável na qual o autor vê

nossa cultura atual. Enquanto Freud vê o mal-estar e o sofrimento como consequências inevitáveis da vida em sociedade, Pondé afirma que "a gente vive o mal-estar como cultura".

Ou seja, para ele, o mal-estar é substância da cultura e produto direto do nosso espírito. Não podemos fugir dele, por isso, o autor abraça a melancolia, que tem uma credencial alta na filosofia. "Desde a Grécia Antiga se acredita que o temperamento melancólico é aquele que melhor entende a realidade", diz o autor.

A primeira referência para o livro foi o "Minima Moralia" do filósofo alemão Theodor W. Adorno. Neste que também é um livro de aforismos, o europeu comenta a cultura americana dos anos 1940, quando se exilou nos Estados Unidos. O objetivo é o mesmo de Pondé: indagar a alienação da cultura.

Ao longo de seus ensaios curtos, Pondé critica a modernidade e seus vícios. Entre eles, a mania dos modernos de se verem como os principais e únicos produtores de cultura. Segundo o filósofo, acreditar que a cultura é apenas produto das pessoas e instituições do presente é coisa de bárbaros.

A cultura é, antes de tudo, produto dos mortos. "A própria noção de que a cultura só é feita por vivos já é uma cultura pobre, porque a cultura emana da alma e dos ossos - essa é a metáfora do título."

Para falar dessa herança cultural, Pondé cita o conceito de "conglomerado herdado" de Gilbert Murray e seu aluno E. R. Dodds. "Os dois historiadores falam desse conjunto de crenças, hábitos, medos, valores que nós herdamos de forma completamente natural."

Esses acúmulos culturais englobam as formas como aprendemos a enxergar a moral, a religião, a sociedade e a política, sem perceber que fomos ensinados. Nossa cultura vive graças aos mortos, diz.

A crítica a esses vícios modernos é feita com fins de reflexão, não de correção. O leitor moderno precisa estar disposto a identificar esses hábitos em si mesmo para compreender "Da Alma e dos Ossos" e não deve abrir o livro em busca de salvamento, afirma seu autor. "Eu não estou escapando de oferecer uma salvação, porque ela não existe. Quem oferece salvação é mau-caráter."

O livro, alerta Pondé, é contra-indicado para aqueles que se acham "super santos, que só têm bons sentimentos". "Esse leitor terá dificuldade de entender alguns textos, porque ele vive em outro planeta."

Por **Rodrigo Fonseca**

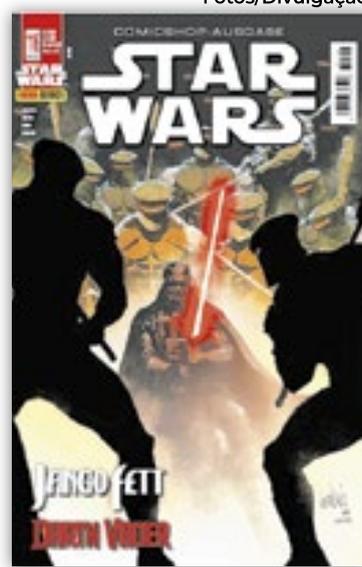
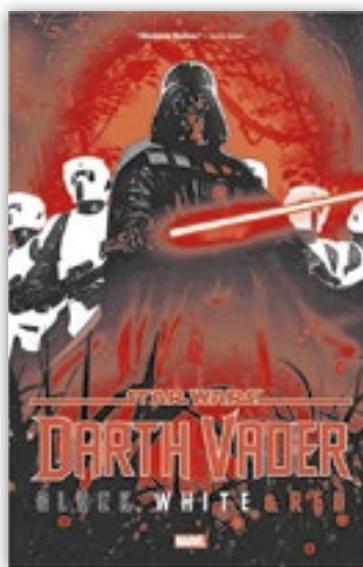
Especial para o Correio da Manhã

Em paralelo à estreia da nova temporada do seriado “Andor”, com Diego Luna, no Disney+, que amplia o universo “Star Wars” na seara do streaming, as bancas de jornal e as livrarias (as digitais também) são invadidas pelo credo Jedi por todos os lados.

A Panini Comics encerrou a coleção “Império”, sobre as forças de Darth Vader, nos primeiros dias de 2025, mas abrem uma nova ofensiva estelar com “Star Wars: Visions”. O multiartista Takashi Okazaki, ligado ao cinema de animação, atraca nas HQs com duas novas histórias do Ronin e seu droide, o astromeca B5-56, numa saga que inclui elementos do Japão feudal.

No primeiro episódio, a dupla errante encontra um Sith (espécie de versão má dos cavaleiros liderados por mestre Yoda) num vilarejo nas montanhas cobertas de neve. No segundo texto, a origem do matador é revelada. De onde vem sua prótese mandibular? Por que ele se autoexilou na Orla Exterior? A edição reúne, ainda, uma trama roteirizada e ilustrada por Peach Momoko: séculos depois da morte do Grande Senhor dos Sith, surge a Ankok, uma seita de adoração do Lado Sombrio. Os vilões que ali aparecem entram em metástase nas diferentes revistas com o selo da franquia idealizada pelo cineasta George Lucas em 1977. É o caso do especial “Jango Fett”, que reúne desenhos do bamba brasileiro Luke Ross.

Quem entrar no <https://panini.com.br/>, conseguirá pagar duas mariolas pela pepita “Star Wars: The High Republic - Sombras Da Luz Estelar”. Nela, Mestre Yoda tem um plano para salvar a ordem e a galáxia, mas deve tocar o Lado Sombrio da Força para alcançar seus objetivos, e as consequências serão graves. O cavaleiro Jedi Bell Zettifar, com o fiel Ember a seu lado, lutará para livrar a galáxia do jugo de uma horda de conquistadores.



Fotos/Divulgação

Leonard Kirk para apresentar um novo conto de terror.

Peach Momoko traz seu traço e universo característicos em uma reinvenção gráfica de Vader. Daniel Warren Johnson e David Pepose emprestam suas ousadias visuais e dramáticas a uma galáxia tão, tão distante. Marc Bernardin e Frank Tieri levam o lorde Sith a planetas sinistros. Já Steve Orlando explora a corrupção da mente do temível esgrimista. Mas o império quadrinístico dele vai além de “Preto, Branco e Vermelho”. Bem além...

Entre as iguarias decalcadas dos tesouros de “Star Wars” que fazem a alegria quadrinhófila do Brasil neste momento destaque “Lando: Ou Tudo ou Nada”, de Paolo Villanelli e Rodney Barnes. Em seu enredo, o contrabandista ninfomaníaco Lando Calrissian é o protagonista. Ele vai sair do prumo ao conhecer uma criminoso sedutora que o contrata para ajudar a moça a libertar seu povo, escravizado pelo Império. A nave Millennium Falcon ronda as galáxias na trama. Referências visuais ao rosto do ator Donald Glover, que interpretou Lando em 2018, dão um belo toque hollywoodiano aos desenhos.

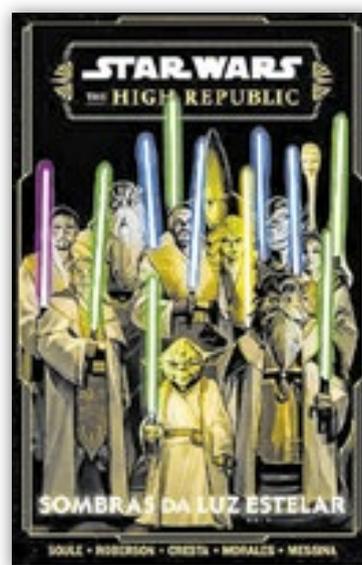
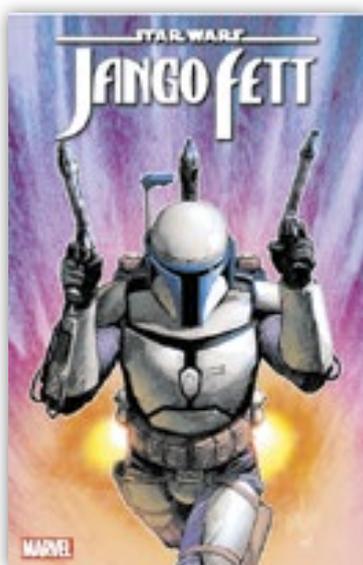
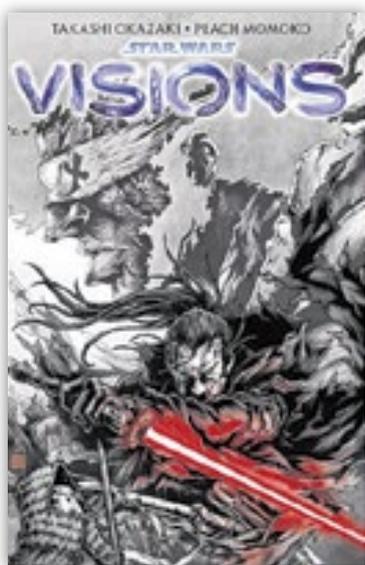
Quem curte mangá, vai se deliciar com a releitura à moda nipônica dos Jedi em “Star Wars – Rebeldes”, de Mitsuru Aoki, sobre o trapaceiro Ezra. A tripulação da nave estelar Fantasma vai cruzar o caminho do rapaz.

Neste fim de semana, o circuito exibidor brasileiro recebe o monumental “Star Wars: Episódio III – A Vingança dos Sith”, filme de 2005 que teve um faturamento de US\$ 868 milhões, numa celebração dos 20 anos de seu lançamento. É, de longe, o longa mais sofisticado da safra sobre Anakin Skywalker (o alter ego de Vader), que teve direção de George Lucas. A produção fez sua estreia no Festival de Cannes que, em maio de 2024, concedeu uma Palma de Ouro Honorária ao realizador americano.

O que não é falta é espaço para a Força brilhar.

Evangelho Jedi

Nova dose da série ‘Andor’, regresso de ‘A Vingança dos Sith’ e HQs best-sellers com Darth Vader dão novo fôlego à franquia ‘Star Wars’ em múltiplas mídias



Paralelamente, Darth Vader, o ícone da ruindade no rol de narrativas da Lucasfilm/Disney, ganha um álbum de luxo, formato GG, via Panini, que se chama “Preto, Branco e Vermelho”, com histo-

Uma nova safra de gibis da franquia Star Wars invade as bancas

rias em P&B e tons de rubro – cor de sua espada. Em suas 136 páginas, numerosos talentos dos

quadrinhos se reúnem para contar os planos malévolos de Anakin Skywalker, alter ego de Vader. Em seu miolo, Jason Aaron retorna ao universo de “Star Wars”, trabalhando em conjunto com o artista



CLÁSSICO BEACH CLUB

Divulgação



TALHO CAPIXABA

Divulgação



CHURRASQUEIRA

Divulgação

Um saboroso giro por Ipanema

Um roteiro gastronômico para comemorar os 131 anos do charmoso bairro

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)**
Especial para o Correio da Manhã

No dia 26 de abril, o icônico bairro de Ipanema comemora seus 131 anos, e não faltam motivos para celebrar. Imortalizado por Vinicius de Moraes e Tom Jobim na canção “Garota de Ipanema”, o bairro carioca continua sendo símbolo de elegância, cultura e boa vida. Para marcar a data, O Correio da Manhã fez um roteirinho gastronômico especial que convida a todos a redescobrirem seus sabores únicos. Confira:

Diana Cabral/Divulgação



SORVETE BRASIL

Carne

CHURRASQUEIRA - Em um ambiente charmoso e aconchegante na Rua Vinicius de Moraes, o pedacinho de Minas Gerais deixa a zona sul ainda mais saborosa com opções de carnes. O carro-chefe da casa é a seleção de cortes na brasa. Entre as opções estão: Black Angus, as opções Da Brasa, que já vêm acompanhadas de farofa e vinagrete; o Especial Picanha (R\$ 446,90 – 1Kg); Fraldinha Prime (R\$ 278,90 – Kg); Baby Beef (R\$ 115,90 – 300g; R\$ 192,90 – 500g); Capitão de Alcatra (R\$ 115,90 – 300g; R\$ 192,90 – 500g) e Chorizo (R\$ 121,90 – 300g; R\$ 203,90 – 500g). Rua Vinicius de Moraes, 130. Tel: (21) 3689-1009.

Quiosque

CLÁSSICO BEACH CLUB - Inspirado nos mais reservados beach clubs europeus, o quiosque de Ipanema virou point de cariocas e turistas nas areias do Rio pelos apaixonados por esportes radicais, que buscam uma atmos-



TEMAKERIA

Divulgação

andantes em Ipanema, vive cheio desde sua abertura, em 2021. O sucesso do menu são as massas artesanais como o ravióli aberto de camarões com texturas de abóbora, fonduta, alho negro e amêndoas (R\$ 87) e o nhoque trufado com funghi (R\$ 79). Rua Barão da Torre, 632.

Japonês

TEMAKERIA - A rede de restaurantes japonês, conhecida pelo seu rodízio (a partir de R\$ 139,90), acaba de renovar a unidade de Ipanema com mais mesas e ambiente moderno. Rua Joana Angélica, 183. Tel: (21) 3437-4976.

Padaria

TALHO CAPIXABA - A padaria e delicatessen ganhou sua maior filial em 2021, no coração do bairro, na Praça Nossa Senhora da Paz. A loja tem um espaço amplo com dois andares, onde são produzidos diariamente pães, massas, assados, salgados e pâtisserie, além de carnes, além de combos de café da manhã (a partir de R\$ 88) Rua Barão da Torre, 354. Tel: 3037-8638.

Sorvete

SORVETE BRASIL - A rede carioca com mais de 60 sabores, em sua maioria inspirados em ingredientes brasileiros como o sorvete de Tangerina (R\$ 79 – 700ml), Manga (R\$ 79 – 700ml), Queijo Minas (R\$ 79 – 700ml), Tapioca (R\$ 79 – 700ml) e Queijo com Goiaba (R\$ 79 – 700ml), Rua Maria Quitéria, 74.



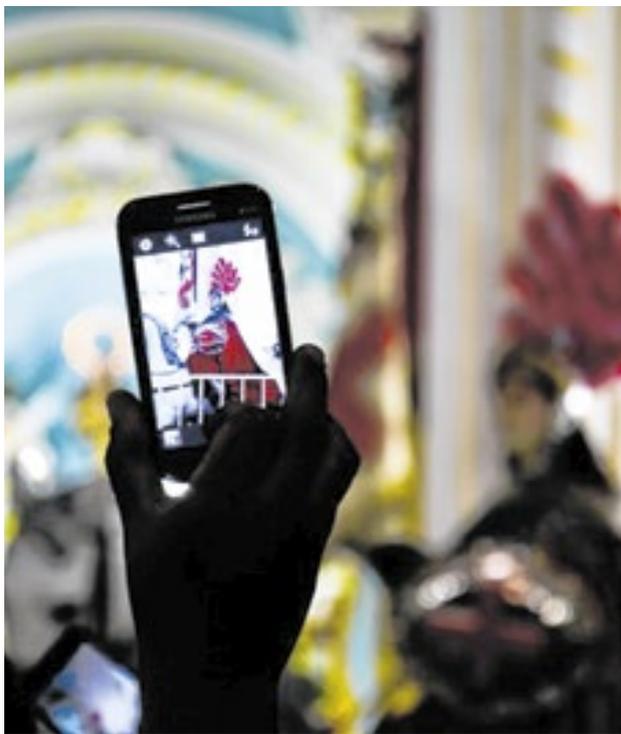
BABBO OSTERIA

Divulgação

fera reservada, sofisticada, com música e gastronomia à beira-mar. No menu pratos como o o Atum Selado (R\$ 101) – file de atum com gergelim, purê de batata baroa com wasabi e molho teriyaki e a a Plancha de Frutos do Mar (R\$ 270 – serve de 3 a 4 pessoas) – polvo, lula, peixe, camarão, cebola roxa, rabanete, tomate cereja e brócolis, fazem sucesso. Av. Vieira Souto, em frente ao nº 690.

Italiano

BABBO - O primeiro restaurante italiano do chef Elia Schramm, localizado em um casarão de dois



Salve Jorge, simplesmente Francisco!



Jorge não sentou praça na cavalaria nem tampouco foi militar, mas foi um guerreiro incansável assim como o general da Capadócia ou do Humaitá; ogunhê!

Jorge, sanlorenquista de Flores, lutou, às vezes como um Dom Quixote, com sua fé inabalável, pelos desvalidos e contra todas as injustiças praticadas por aqueles que ainda não perceberam a beleza da paz e do amor. Lutou pela união dos povos, pela congregação de todas as religiões em um só pensa-

mento em Deus, lutou por todos os cultos e credos. Fez da Páscoa transformação e harmonia. Lutou pela desigualdade, lutou contra a polarização, os radicalismos e a opressão. Lutou contra capitalismo despótico, infrene e selvagem.

‘Cavalgou’ pelo Planeta difundindo o amor, levando a paz em seu ‘alforje’ e, por onde passou, deixou sua marca de humildade. Laudato si, em um cântico de Francisco de Assis, cuidou da “‘Casa Comum’ que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras...”, em uma

batalha heroica contra o dragão da maldade, o vilão que apavora a Mãe Natureza, questionando: “Que tipo de mundo queremos deixar a quem vai suceder-nos, às crianças que estão a crescer?”

Jorge em Buenos Aires, Aruanda ou Vaticano, o Santo Guerreiro que lutou contra o dragão da maldade. Lua de São Jorge deslumbrante, cheia, branca e inteira, bandeira flamejante solta na amplidão, lua de Francisco, lua brasileira, já que, como ele mesmo disse: “O papa é argentino, mas Deus é brasileiro!” Seu ginete, corcel branco, Ascalon,

venábulo e azagaia foram as palavras doces que semeou pelo Universo. Jorge Francisco e os ‘Dioclecianos’ da vida, muitos arautos da morte, Francisco inegável fé. Mártir cristão. Santo protetor, santificai o homem, santificai este homem.

Partiu de volta à Pátria Espiritual entre a Páscoa e o dia de São Jorge, eternizou sua missão na Terra como pastor do amor e da divinal luz que emanava de seu olhar terno e sereno.

Salve Jorge ou simplesmente Francisco do céu!

Viva o livro de Brasília

Prêmio Candango de Literatura abre inscrições em maio para sua segunda edição

Por Mayariane Castro

A Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (Secec-DF) confirmou a realização da segunda edição do Prêmio Candango de Literatura. Voltado para autores, designers e iniciativas de incentivo à leitura nos países de língua portuguesa, o prêmio terá inscrições abertas de 10 de maio a 25 de junho de 2025. O lançamento oficial ocorrerá em 9 de maio, às 19h, na Sala Martins Pena do Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília.

O prêmio contempla obras publicadas em 2024 e distribui um total de R\$ 195 mil entre sete categorias. A cerimônia de premiação será realizada em 31 de outubro, no mesmo local do lançamento. Criado em 2022 e realizado em



Divulgação

O troféu do Prêmio Candango de Literatura

Lançamento com canções de Clodo

Músico foi parceiro dos seus irmãos Climério e Clésio

Na área editorial, o prêmio contempla Melhor Capa e Melhor Projeto Gráfico, com R\$ 20 mil destinados a cada categoria. Já no eixo pedagógico, será concedido o Prêmio Candango de Literatura à Melhor Iniciativa de Incentivo à Leitura. Esta categoria, que abrange projetos voltados para pessoas com deficiência (PCDs), é direcionada a pessoas jurídicas com atuação comprovada de pelo menos dois anos no setor. O valor da premiação é de R\$ 15 mil.

Como participar

Para se inscrever, as obras devem ser redigidas em português, publicadas e comercializadas no Brasil ou nos países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) ao longo de 2024. As inscrições serão gratuitas e realizadas de forma digital, conforme regras a serem divulgadas pela organização.

A curadoria desta edição será conduzida por João Anzanello Carrascoza, escritor e professor premiado, que venceu na cate-



Agência Brasília

Edição do ano passado teve dois mil inscritos

goria Contos na primeira edição do prêmio. Carrascoza destacou a abrangência do certame, que contempla não apenas os principais gêneros literários, como também valoriza a identidade cultural da cidade e iniciativas de leitura e design gráfico.

A primeira fase do processo seletivo prevê a escolha de dez finalistas em cada categoria. A

lista será divulgada em setembro, e os vencedores serão anunciados durante a cerimônia de encerramento, em outubro. Além da entrega de prêmios em dinheiro, os vencedores terão suas obras divulgadas em ações de comunicação e em eventos organizados pela Secec-DF e pelo Instituto Casa de Autores. A iniciativa também prevê a

parceria com o Instituto Casa de Autores, o Prêmio Candango de Literatura visa ampliar a visibilidade de obras em língua portuguesa e promover o intercâmbio entre países lusófonos.

A premiação também busca fortalecer a produção literária, editorial e pedagógica de fomento à leitura.

As sete categorias estão organizadas em três eixos: literário, editorial e pedagógico.

No primeiro grupo, estão incluídos os prêmios de Melhor Romance, Melhor Livro de Contos e Melhor Livro de Poesia.

Esses prêmios, somados ao Prêmio Brasília – voltado exclusivamente para autores nascidos ou residentes no Distrito Federal –, receberão R\$ 140 mil distribuídos entre os vencedores.

criação de um catálogo com as obras finalistas, que será distribuído em instituições culturais e educacionais.

Segundo o secretário de Cultura e Economia Criativa, Claudio Abrantes, o prêmio tem papel relevante na valorização da literatura como meio de expressão artística e social. Ele resalta que a premiação contribui para o fortalecimento da identidade cultural do Distrito Federal, do Brasil e dos países lusófonos.

O evento de lançamento do prêmio contará com o espetáculo “Clodo Ferreira – Existência”, um show em homenagem ao músico, escritor e professor Clodo Ferreira, que faleceu no ano passado. A apresentação será conduzida por seus filhos João e Pedro Ferreira. João é violonista e diretor musical da banda Natiruts, enquanto Pedro atua como percussionista e intérprete. O repertório inclui músicas como Cebola Cortada e Mentira da Saudade.

FESTIVAL

Porão do Rock anuncia atração

*O Porão do Rock divulgou mais nomes do line-up 2025. O destaque internacional é a banda Velvet Chains (EUA), com seu som que mistura hard rock e grunge. O festival acontece em 23 e 24 de maio, na Arena BRB, em Brasília. A nova leva inclui nomes como Little Quail & Mad Birds, Lupa, Trampa, Bay Side Kings, Adorável Clichê, Cassino Supernova, César Degraff e Guizão. Segundo o organizador Gustavo Sá, o festival equilibra tradição e novidade. Ingressos a partir de R\$ 150 estão à venda no Digital Ingressos. Classificação: 18 anos.

Festival Restaurant Week

*O Olinda Bar e Restaurante é destaque da Brasília Restaurant Week 2024 com um cardápio que homenageia os 65 anos da capital. Com unidades na Asa Sul e Taguatinga, oferece menus especiais até 27 de abril, com pratos que unem sabores nordestinos e símbolos de Brasília. No almoço ou jantar, entradas, pratos principais e sobremesas trazem nomes como “Esplanada” e “Palácio da Alvorada”. O drink autoral “Flor do Cerrado” celebra o Cerrado com toque tropical. Os menus custam R\$ 65 (almoço) e R\$ 89 (jantar), promovendo alta gastronomia com brasilidade e afeto.

Festival Convoca

*O Festival Convoca 2025 confirma as bandas do DF Fosco e Never Look Back em sua 5ª edição, dias 30 e 31 de maio, no Recanto das Emas. A programação une música autoral, arte e cinema ao ar livre. Fosco aposta em sonoridades introspectivas e emocionais, enquanto a Never Look Back traz hardcore direto e visceral. O line-up já inclui Eskröta (SP) e Murderess (DF). Com dois palcos, feira, cineclube, área infantil e entrada solidária, o Convoca celebra a cena independente e amplia sua diversidade sonora com artistas locais e nacionais.

Superjazz Festival

*O CCBB Brasília abre a nova temporada do Superjazz Festival no Dia Internacional do Jazz, 30 de abril. Com entrada gratuita, os shows ao ar livre seguem quinzenalmente até 6 de agosto, celebrando o jazz e a música afro-brasileira. A curadoria é de Flor Furacão, DJ Sartô e Paulo Black. A estreia traz Renato



Velvet Chains no Porão do Rock

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Festival de Jazz com Renato Vasconcellos

Vasconcelos (18h) e Daniel Santiago (19h30), além da Rádio Superjazz, com sets antes e após os shows. O festival também abre edital para novos talentos. A proposta é misturar estilos, valorizar a cena instrumental do DF e celebrar o jazz como linguagem universal e ponte entre culturas.

TEATRO

“VOCÊ CONSEGUE, MARAVILHOSA!”

*Com humor sombrio e canções bobas, o espetáculo Você Consegue Maravilhosa! estreia em maio de 2025, dias 2, 3 e 4, às 19h, no Teatro Silvío Barbato – Sesc Setor Comercial Sul. A peça mistura autoficção e crítica social para abordar o grotesco das promessas de felicidade, pertencimento e sucesso.

Divulgação

**Espetáculo “Onde Morrem os Pássaros?”**

Divulgação

**Projeto Jornada da Acessibilidade**

Divulgação

**Espetáculo no Sesc**

A protagonista, vivida por Alê Arautas, embarca em uma busca por sentido num mundo onde até o ralo tem gosto de alho. Ingressos a R\$ 15 (meia) no Sympla. Livre para todos os públicos. Mais no Instagram: @voceconsequemavilhosa. Prepare-se para rir, questionar e talvez... despertar.

“Do outro lado da rua”

*A Cia. Teatral Escambo estreia, em 10 de maio, o espetáculo Do outro lado da rua, com apresentações gratuitas em ruas e escolas públicas do DF. A peça traz, com humor crítico e música, a história de Jesus Cristo sob nova perspectiva, questionando o uso distorcido de sua mensagem e o conservadorismo religioso. A sessão de estreia ocorre na Feira de Confecções de Planaltina, às

Mozart Silva

**Favela Sol Nascente ganha galeria de arte**

Divulgação

**Projeto resgata a história do rock de Brasília**

9h e 11h, com acessibilidade em libras. A montagem tem 40 minutos e integra o teatro de rua da companhia, que atua desde 2011 com foco em temas sociais e democráticos. Mais no Instagram: @escambociateatral.

“Onde Morrem os Pássaros?”

*A Cia de Artes Clandestinos, de Ji-Paraná (RO), apresenta o espetáculo Onde Morrem os Pássaros? no IFB São Sebastião, em Brasília, no dia 28 de abril, às 8h30 e 14h. A peça aborda depressão e solidão por meio de uma encenação poética e silenciosa, com direção de Fabiano Barros. Após as sessões, haverá bate-papo com o elenco e a psicóloga Bianca Costa. No mesmo dia, às 15h, será oferecida a oficina gratuita “O Texto do Silêncio”. A circulação é viabilizada pela

Bolsa Funarte Myriam Muniz 2023. Gratuito e acessível, com Libras e audiodescrição. Mais no Instagram: @ciadeartes-clandestinos.

EXPOSIÇÃO**Sol Nascente ganha galeria de arte**

*A Favela Sol Nascente, maior comunidade do Brasil em domicílios, recebeu a primeira etapa do projeto Circuito Arte Não é Privilégio, com 1 mil m² de muros e paredes transformados em galeria a céu aberto por mais de 100 artistas do DF. Idealizado por Kleber Pagu, o projeto integra o Circuito Funarte de Artes Visuais Marcantonio Vilaça 2023 e visa levar arte urbana a 27 capitais. Com apoio dos moradores e artistas como Gilmar Satão, Andréia Santos e Naiana Nati, a ação promove inclusão e identidade. A exposição acontece na SHSN, Chácara 87 – Campo Sintético, Sol Nascente (DF), e seguirá para Salvador e Belém ainda em 2024.

História do rock de Brasília

*O projeto 1KG de Rock apresenta uma exposição itinerante que resgata a história do rock de Brasília, com foco nas décadas de 60 e 70. A mostra, composta por banners e textos informativos, circulará por três escolas públicas de Sobradinho: CEF 3, CEF Queima Lençol e Centro Educacional Stella dos Cherubins. A ação faz parte de um conjunto de iniciativas que valorizam o “rock candango”, incluindo um site e um app em formato de game. A exposição é acompanhada de palestras que exploram o rock como expressão cultural e científica, promovendo reflexão e conexão com novas gerações.

PROJETO**Jornada da Acessibilidade**

*Estão abertas até 30 de abril as inscrições para os cursos gratuitos da Jornada da Acessibilidade, que visa democratizar o acesso à cultura para pessoas com deficiência no DF. Com apoio do FAC-DF e da Secretaria de Cultura, as formações oferecem certificado e são voltadas a educadores, profissionais da cultura e estudantes. São três cursos: Acessibilidade Cultural e Audiodescrição (online) e Braille (Asa Norte). A iniciativa busca ampliar o acesso à cultura, especialmente para pessoas com deficiência visual, promovendo práticas inclusivas.

Taguatinga dança!

Festival Brasília em Dança fará quarta edição na maior região administrativa do DF

Por Mayariane Castro

A quarta edição do Festival Brasília em Dança será realizada entre os dias 1º e 4 de maio de 2025, no Teatro Sesi Yara Amaral, em Taguatinga. Organizado pela Flyer Cia de Dança, com idealização do bailarino Bruno Alves e do dançarino Daniel William, o evento tem parceria com o Sesi-DF e se consolida como uma das principais iniciativas de dança da capital federal.

Os ingressos para os quatro dias de evento estarão disponíveis a partir de 1º de maio pelo site Ticket Ideal, com valores de R\$ 50 a inteira e R\$ 25 a meia-entrada. Haverá opção de meia solidária mediante doação de alimentos não perecíveis. A organização limitou o número de



Carlos Aguiar

O grupo Transições foi destaque na edição do ano passado

Troca de experiências na arte

Encontro visa intercâmbio e valorização da produção local

Os jurados possuem formações distintas dentro da área da dança e irão avaliar as apresentações durante os quatro dias de festival. Dentre eles, temos novos nomes como Zeca Rodrigues, profissional do jazz dance consagrado pentacampeão do Festival de Dança de Joinville e oito vezes campeão do Passo de Arte Internacional, e Alisson Lima, com estudos completos sobre danças populares nordestinas e dança contemporânea, atualmente professor no Institu-

to Brincante, em São Paulo (SP). Além do palco

Além das apresentações da mostra competitiva, o festival oferecerá uma programação paralela com workshops voltados a bailarinos e profissionais da dança. Essas oficinas ocorrerão durante todos os dias do evento e são abertas aos participantes previamente credenciados. O credenciamento será realizado no primeiro dia do festival e contará com ambientação especial para recepção do público.



Carlos Aguiar

Festival é um dos principais eventos de dança do DF

Segundo os idealizadores, o evento tem como principal objetivo promover o intercâmbio entre artistas da dança, além de valorizar a produção cultural local.

O festival também busca estimular a formação e a profissionalização de bailarinos por meio de experiências educativas e trocas culturais.

Fundamental

Bruno Alves, cofundador do festival e diretor da Flyer Cia de Dança, afirma que o Brasília em Dança foi concebido com o propósito de suprir uma lacuna existente na capital federal em relação a festivais de dança competitivos. Ele ressalta que o evento tem proporcionado oportunidades de crescimento artístico e

vagas disponíveis para os participantes da competição em relação ao ano anterior, quando mais de mil bailarinos se inscreveram. A medida visa melhorar a logística e garantir uma melhor experiência para os envolvidos.

Nesta edição, o festival amplia a estrutura da mostra competitiva, que contará com novas categorias divididas por formações — solos, duos, trios e conjuntos — e por estilos de dança.

Os gêneros contemplados serão Ballet Clássico de Repertório, Ballet Clássico, Neoclássico, Jazz, Dança Contemporânea, Estilo Livre, Danças Populares, Danças Urbanas, Danças Árabes e Sapateado.

O júri da mostra competitiva será composto por 12 profissionais convidados, vindos de diferentes estados brasileiros.

visibilidade a bailarinos e grupos do Distrito Federal e de outras regiões do país.

Na edição anterior, a presença de grupos de fora do Distrito Federal exigiu da organização novos arranjos logísticos. Segundo Bruno, foi necessário firmar parcerias com hotéis para garantir hospedagens com preços reduzidos aos participantes vindos de outros estados.

Daniel William, também idealizador do festival, destaca que o Brasília em Dança atua como plataforma de conexão entre bailarinos, coreógrafos, professores e demais profissionais envolvidos com a dança. Ele afirma que a proposta do evento é consolidar um espaço de troca de conhecimentos e fortalecimento do cenário artístico local.

A continuidade e o crescimento do evento são reflexos da mobilização da comunidade da dança e da parceria com instituições culturais.

Inscrições finais
na Jornada da
Acessibilidade

PÁGINAS 8 E 9



Secretaria de
Cultura confirma
Prêmio Candango

PÁGINA 5



Festival Brasília em
Dança 2025 terá
novas categorias

PÁGINA 15



2° CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Xande de
Pilares,
Caetano
Veloso e
Pretinho
da Serrinha
unidos em
projeto que
ressignifica
canções
do artista
baiano



Fernando Young/Divulgação

Na turnê premiada que chega ao Vivo Rio, sambista relê clássicos do baiano em show com direção de Regina Casé e produção musical de Pretinho da Serrinha

Por **Affonso Nunes**

Em vitoriosa turnê nacional, Xande de Pilares chega ao palco do Vivo Rio neste sábado (26) com o espetáculo “Xande Canta Caetano”, a homenagem do sambista a um dos maiores nomes da música popular brasileira. O show reúne sucessos eternizados por Caetano em releituras que ganham nova vida na voz marcante do artista carioca.

No repertório, faixas do premiado álbum homônimo lançado em agosto de 2023 — entre elas, “Gente”, “Alegria, Alegria”, “O Amor”, “Qualquer Coisa”, “Tigresa”, “Luz do Sol”, “Lua de São Jorge” e “Muito Romântico” — se misturam a outras canções emblemáticas como “Queixa”, “Trem das Cores”, “Reconvexo”, “Força Estranha” e “Eclipse Oculto”. Com direção musical de Pretinho da Serrinha e direção artística de Regina Casé, o projeto vem sendo celebrado por Caetano e por Paula Lavigne, que acompanharam de perto sua concepção.

“Cantar Caetano é uma forma de agradecer. A obra dele

atravessa o tempo e fala de tudo que a gente sente. É um desafio e, ao mesmo tempo, um privilégio me colocar nesse lugar, trazendo o meu samba para essas canções tão profundas”, diz Xande em entrevista na ocasião do lançamento do disco.

Desde o lançamento, o álbum obteve 35 milhões de reproduções no streaming, foi premiado com o Grammy Latino de Melhor Álbum de Samba/Pagode e esteve entre os indicados a Melhor Álbum do Ano. Também conquistou o Prêmio da Música Brasileira 2025, com as categorias de Melhor Intérprete e Melhor Lançamento de Samba.